

Coisa de criança.

Por Juliana Fernandes Gontijo.

Ana Maria, uma mulher casada e sem filhos, era cozinheira de uma escola. Gostava muito de dizer que não veio ao mundo para gerar uma criança, porque os filhos dela eram os “filhos dos outros”. Paulo, como já era separado da primeira esposa e havia realizado o sonho de ser pai, não se incomodava nenhum pouco com esse posicionamento.

O casal morava em um grande condomínio de apartamentos populares e era vizinho de uma sobrinha, Maria Luiza, que tinha uma filha chamada Eduarda. A garotinha tinha lá seus 3 anos e gostava muito de ir para a casa da tia-avó, Ana Maria.

Talvez pela profissão de cozinheira numa escola, a mulher era admirada por qualquer criança. E com Eduarda, não era diferente. Sempre que via a tia, corria para abraçá-la em qualquer lugar que estivesse. A mãe da garotinha, vez por outra, aproveitava da situação e deixava a menina com os tios:

— Eu e Cassiano precisamos sair hoje. Será que a senhora pode ficar com a Duda?

A tia aceitava a situação, muitas vezes, até sem poder dar a devida atenção à sobrinha, somente para não ficar em “maus lençóis” com a família. E disse ao marido:

— Essa Malu é muito abusada. Estou cheia de coisas para fazer quando chego do trabalho. Será que ela e o Cassiano não percebem?”

— A menina realmente gosta de você, porque sempre dá atenção a ela, algo que os pais não fazem e toda a família sabe disso. A tia guardava em casa uma caixa de plástico cheia de brinquedos que comprou para a menina, além dos que ela fazia questão de deixar lá:

— Esses daqui ó, falei com a mamãe que é da sua casa, titia.

Duda era muito esperta e comunicativa e dava “notícias” de todas as pessoas que passavam pelo estacionamento do condomínio, pois gostava muito de ficar na janela do quinto andar do apartamento. Dali, ela conseguia ver qualquer movimentação. Era só a tia chegar do trabalho e já gritava atrás da tela de proteção:

— Ei, titia! Posso descê pa bincá com a sinhora?

Curiosamente, quando a mãe ou o pai ouviam a filha gritar a tia, chamavam Duda para explicar que não era hora de brincar, pois Ana Maria estaria ocupada com os afazeres de casa após o trabalho.

Era só os pais se distraírem em casa e a menina corria para a janela. Desde pequena, já gostava disso. Quando ela chorava, bastava colocar Duda em frente à janela que ela se acalmava, parecia que estavam “desligando o botão do choro”. Diante de um provável risco de queda quando a menina crescesse mais, os pais colocaram uma tela de proteção reforçada justamente com uma grade chumbada na parede em todas as janelas do apartamento.

Como Duda ainda não estava na escola, a sua distração em casa era ficar na janela. Ela gostava de contar tudo o que se passava no estacionamento. Os pais até tentavam desviar a atenção da menina, para a filha não ficar gritando as pessoas de longe, mas em vão.

— Mamãe, o Tiago ganhô um cachorrinho novo. — Gritava do fundo do quarto.

— Papai, cê viu o carro novo do papai do João? É vede!

Eles riam das falas da filha, os vizinhos também. No entanto, todos sabiam que em pouco tempo seria preciso cortar alguns comportamentos de Duda, porque, vez por outra, ela passava dos “limites”.

Algumas pessoas diziam:

— Ah, deixa a menina. Isso é coisa de criança.

Uma vez, ela viu uma mulher diferente da mãe do coleguinha Joaquim, abraçada ao pai do menino. Na frente do vizinho, ela perguntou aflita para a mãe:

— A mamãe do Joaquim é outa agora?

Malu, com o rosto roxo de vergonha, disse:

— Desculpe, Pedro Augusto! Criança, né?

— Não é problema, Maria Luiza.

Virando-se para a menina, ele apresentou a moça:

— Sabe, Duda, esta é uma filha do tio que você não conhece.

— Cê é gande! — Comentou, olhando para a moça.

— E você é uma mocinha muito esperta, Duda. Gostei de você. — Disse Luana, filha de Pedro Augusto.

Num fim de semana prolongado, a menina, como não via Ana Maria no estacionamento, pediu à mãe que ligasse para a tia:

— Pega o celular, mãe. Liga pa titia Ana Maria.

A menina insistiu tanto que Malu não teve escolha e ligou para a tia.

— Tia, a Duda quer ir para a sua casa de qualquer jeito.

— É que estou saindo para fazer umas compras agora e não posso brincar com ela. Deixa eu falar com a Duda, Malu.

A mãe entregou o celular à filha:

— Oi, minha lindinha. A titia agora não pode brincar com você porque eu estou no banheiro. Quando eu terminar, eu te chamo na sua casa, tá bom? Beijinho.

Desligaram o telefone e Duda correu para o quarto. Malu até tentou, mas não conseguiu tirar a filha da janela.

Ao ver Ana Maria saindo de casa, a menina, num ímpeto, gritou da grade:

— Titia, você já acabô de fazer cocô?

A voz de Duda ressoou em todo o condomínio como se fosse um eco. Todos os prédios pareciam estar em silêncio, esperando a fala da garotinha.

Ana Maria apenas deu um aceno e, se ela não tivesse visto “ao vivo” a plateia que se formara em todas as janelas no seu campo de visão do condomínio, ela não teria acreditado.

A mãe puxou a filha e sua voz também ecoou no estacionamento:

— O que é isso, filha? Saia já daí.

A menina subiu outra vez na janela e gritou novamente:

— Cê já acabou de fazer cocô, titia? Eu quero descê pa gente bincá.

Ana Maria já havia saído do estacionamento. Malu não sabia novamente o que fazer, apenas fechou as janelas com toda a sua força enquanto os vizinhos riam da situação e outros diziam aos berros:

— Não se apoquente, Malu! Criança é assim mesmo!

Poucas semanas após o ocorrido, surgiu uma oportunidade para Cassiano trabalhar em outra cidade. Malu ficou em estado eufórico:

— Que ótima notícia, Cassiano! Não vejo a hora de sairmos deste condomínio é que não aguento mais passar por tantas vergonhas com a Duda.

— Relaxa, meu bem! Criança é assim mesmo! Com o tempo, nossa filha aprende. É só conversar com ela que vai entender que, nem tudo o que a gente vê, a gente pode sair falando por aí, não é?
